

Questões Sobre a Modernidade e a Representação Feminina no Filme Princesa Mononoke¹

Lilia Nogueira Calcagno Horta²
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

Resumo

O presente artigo busca discutir e analisar as principais questões presentes na obra Princesa Mononoke (1997), do diretor de animação japonês, Hayao Miyazaki. O objetivo é analisar através de um recorte, questões abordadas no filme que estão relacionadas à modernidade. O longa traz à tona pertinentes reflexões a respeito do capitalismo e consequentemente da sociedade contemporânea. Para tal análise, estão expostos conceitos que retomam a transição histórica do período feudal para um princípio de industrialização, pano de fundo da narrativa, além da consagração do sujeito moderno – com ênfase nas personagens de gênero feminino, retratadas de maneira peculiar. Espera-se demonstrar que a construção das personagens quebram estereótipos, trazendo consigo um pensamento crítico referente as consequências dos atos humanos em relação ao progresso a natureza e aos papéis sociais.

Palavras-chave

Hayao Miyazaki; Modernidade; Sujeito Moderno; Representação Feminina

Princesa Mononoke, o Filme

Hayao Miyazaki é um diretor de animação japonesa e sócio fundador do Estúdio Ghibli. Conforme os pensamentos de Colin Odell e Michelle Le Blanc (2015), a originalidade é uma marca registrada das obras produzidas nesse estúdio, abrangendo desde a criação do roteiro, ao cenário, personagem e metáforas. Miyazaki cria personagens que fogem completamente dos clichês: mulheres independentes, criaturas advindas do plano espiritual, além de retratar minorias como prostitutas, leprosos, idosos dentre outros, que podem ser observados em seu filme Princesa Mononoke, lançado no ano de 1997.

O filme começa com o jovem Ashitaka, que para salvar seu povoado contra o ataque do deus-javali, acaba sendo amaldiçoado, antes de seu último suspiro. Por consequência, o garoto partiu em direção ao sul em busca da cura, deixando a pequena aldeia onde morava para que os efeitos da maldição não gerassem graves consequências à comunidade no futuro. Em sua saga, se depara com uma gigante batalha entre seres humanos e espíritos da floresta. O conflito havia se iniciado, pois a floresta do deus Shishigami estava sendo

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação e Práticas do Consumo, ESPM-SP, e-mail: lilia@liliahorta.com.br

devastada pelos fabricantes de ferro de Tataraba, - sob comando de Lady Eboshi – que cortavam as árvores para obter combustível necessário para manter as chamas das caldeiras de fundição acesas. Além de devastar a mata, poluíam os campos agrícolas. Do outro lado do combate, estão os espíritos da floresta liderados por San (a princesa Mononoke) – uma jovem que fora abandonada por seus pais e criada por Moro, o deus-lobo que apesar de ser humana, tem ódio de sua própria raça por ameaçar tudo o que mais ama na vida.

Miyazaki lança Princesa Mononoke na virada do século XIX e com ele resolve abordar temáticas delicadas na intenção de refletir contra alguns aspectos provenientes da cultura que gira em torno da acumulação de capital. Nesse contexto, o diretor afirma na época em que lançara a película: “ é precisamente por isso que é importante fazer esse filme ao entrarmos nos tempos caóticos do século vinte e um.” (MIYAZAKI, 1996, p.274, tradução nossa)³

Tal aspecto caótico fora representado a partir da delimitação de dois mundos. Um deles era uma sociedade agrícola que vivia em harmonia com a natureza, retirando dela apenas o que era necessário para a sobrevivência. O outro era a comunidade de trabalhadores composto por leprosos, prostitutas, camponeses liderados por Lady Eboshi na fabricação de armas e ferro. Nesse sentido, Colin Odell e Michelle Le Blanc (2015, p.30, tradução nossa) nos ilustram tal dualidade da película ao discorre que "no Japão feudal, os seres humanos viviam em harmonia com o mundo natural, mas o desenvolvimento do industrialismo poluiu as terras dos antigos deuses e criaram conflitos".⁴

O Diretor Hayao Miyazaki (2008) afirma que escolhera o período Muromachi (1392-1573) para descrever o enredo do filme. Nele, a desordem e o caos que impregnavam esse período foram provenientes da suplantação de quem detinha o poder por soldados de classe mais baixa. Em contrapartida à instabilidade social e política, o período Muromachi foi marcado por uma prosperidade nos campos econômicos e artísticos. Esta época constituiu os primeiros passos na criação do comércio moderno, do transporte e do desenvolvimento urbano, estabelecendo-se efetivamente como a primeira tentativa deliberada dos japoneses de domar a natureza (CAVALLARO, 2006).

Para entendermos as questões principais da temática abordada pelo filme, devemos retomar a passagem de uma sociedade agrícola para uma sociedade industrial movida pelo lucro (mesmo que o filme se passe em um Japão pré-industrial). Ao assimilarmos esses

³ that is precisely why it is important to make this film as we enter the chaotic times of the twenty-first-century.

⁴ In feudal Japan, humans lived in harmony with the natural world, but the development of industrialism has polluted the lands of the ancient gods and created conflict.

impasses, desvendaremos a complexidade por trás das personagens, a motivação de suas ações e sobretudo a intenção do autor ao apontar as mazelas e a hipocrisia que subjaz o atual pensamento capitalista.

Do Campo à Cidade

Iniciaremos aqui um breve percurso sobre o início do processo de industrialização que levou à emergência de novas cidades e os contrastes perante as sociedades tradicionais para entendermos a emergência de um sujeito moderno forjado no seio da ordem capitalista.

“A economia característica da propriedade quase feudal era primitiva e voltada para si mesma ou de qualquer forma ajustada para necessidades puramente regionais...” (HOBSBAWM, 2007, p.17). Desta forma, compreendemos que a diversidade no que tange à alimentação, dependia da variedade de produtos que era possível cultivar de acordo com o clima de cada região. Entretanto, a restrição não era apenas relacionada à produção alimentícia da época. O fluxo de informação e a mobilidade também sofriam com a falta de recursos para funcionarem de maneira eficaz. A respeito disso, Eric Hobsbawm (2007), discorre que a maioria dos camponeses morriam no mesmo lugar que nasciam sem conhecer outras regiões. A grande exceção era conferida aos viajantes, que em boa parte eram comerciantes, soldados, navegantes, dentre outros.

No filme, Ashitaka ao sair da tribo descendente do povo Emishi em direção para o oeste, para tentar descobrir a cura para sua maldição, passou por várias vilas antigas, descobriu a cidade de Tataraba onde viu que mulheres podiam fazer trabalho de homem e que leprosos também trabalhavam, adentrou as profundezas da floresta sagrada e viu de perto espíritos que nem imaginava que existissem. Seu infortúnio garantiu a ele informações e contato com o que jamais teria se não tivesse deixado seu pequeno povoado. Provavelmente o protagonista, como o restante da sua comunidade, nem saberia da existência dessas informações, ou elas chegariam ao seus ouvidos pelas histórias vividas por algum outro viajante. Nesse contexto, Eric Hobsbwam (2007, p.12) acrescenta que nas sociedades tradicionais, “as notícias chegavam à maioria das pessoas por meio dos viajantes e do setor móvel da população” .



Figura 1- San (a princesa Mononoke), Moro (a deusa-lobo) e Kodamas (os espíritos da floresta)⁵

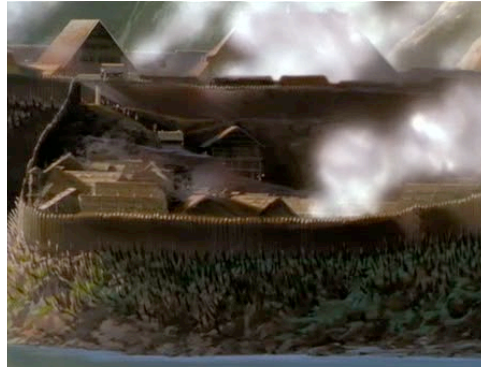


Figura 2- A Aldeia de Tataraba – A cidade de ferro⁶

O mundo agrícola era lerdo, a não ser talvez em seu setor capitalista. Já os mundos do comércio e da manufatura, e as atividades intelectuais e tecnológicas que os acompanhavam, eram seguros de si e dinâmicos, e as classes que deles se beneficiavam eram ativas, determinadas e otimistas. (HOBSBAWM, 2007, p.44)

A classe média era composta por advogados, gerentes de fazenda, comerciantes, donos de bares, etc, que conseguiam acumular uma pequena fortuna. A partir da possibilidade de concentrar capital em abundância, inevitavelmente criou-se condições rudimentares para o início de um novo sistema econômico.

A antiga sociedade teocêntrica onde os governantes eram escolhidos através da inquestionável graça divina, passou a não fazer mais sentido quando um homem comum conseguia acumular lucro e domar a natureza a partir de aparatos tecnológicos e conhecimentos científicos. Por consequência, uma nova ideologia revolucionária - chamada Iluminismo - fora criada para apoiar e fortalecer o avanço forças econômicas emergentes.

Para que os ideais fossem colocados em prática, o iluminismo “...implicava a abolição da ordem política e social vigente na maior parte da Europa.” (HOBSBAWM, 2007, p.49). Esses pensamentos resultaram na revolução francesa, liderada, segundo Hobsbawm (2007), por membros dos escalões médios da sociedade, escolhidos racionalmente por habilidade e mérito e não por nascimento como proposto pelo *anciens régimes*. Em 1789 a revolução toma forma e põe de vez um ponto final no antigo regime, iniciando um novo período baseado na ordem e progresso, conduzindo o mundo a um futuro de abundância e racionalidade. Assim, boa parte do continente europeu entra “numa fase de

⁵ Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/445293481883589588/>>. Acesso em jun.2016.

⁶ Disponível em: <<http://studio-ghibli.wikia.com/wiki/Irontown>>. Acesso em jun.2016.

desenvolvimento tecnológico que lhes asseguraria o domínio de poderosas forças naturais, de fontes de energia cada vez mais potentes, de novos meios de transporte e comunicação, de armamentos e conhecimentos especializados.” (SEVCENKO, 2001, p.14)

Concomitantemente, embora um pouco anterior à revolução francesa, a partir de 1780 ocorriam algumas mudanças referentes à produção de bens industriais, dessa vez com sede na Inglaterra.

[...] pela primeira vez na história da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes da multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços. (HOBSBAWM, 2007, p.59)

A revolução industrial possibilitou a mecanização da produção onde grandes quantidades passaram a ser fabricadas em um curto período de tempo. “Entre 1789 e 1848, a Europa e a América foram inundadas por especialistas, máquinas a vapor e maquinaria para (processamento e transformação do) algodão e investimentos britânicos.” (HOBSBAWM, 2007, p.66). Dessa época em diante é possível afirmar que os benefícios do motor à vapor, o emprego do aço para diversas utilidades, dentre outras invenções, tornaram-se conhecidos em boa parte do mundo.

Entretanto, nesse contexto, o Japão é um caso à parte, já que só fora possível um progresso maior em relação à produção industrializada de bens a partir de 1868, no período Meiji, onde de acordo com Masiero (1994, p.8-9) começava-se a construir casas e pequenas fábricas com a energia de pequenos empresários.

No Ocidente, na Inglaterra durante a Primeira Revolução Industrial e posteriormente nos Estados Unidos, instituições industriais - como as fábricas, estradas de ferro, estaleiros foram emergindo durante longo período de tempo. No Japão, entretanto, estas instituições somente apareceram um século mais tarde, após a Restauração Meiji de 1868, quando as atividades privadas de negócios foram liberadas dos controles feudais e a industrialização sofreu grande impulso.

O diretor Miyazaki decide retratar essa transição - que viemos contextualizando até agora - na comparação da tribo do herói Ashitaka com a aldeia de Tataraba. Esta última sobrevive da extração de ferro que é vendida para o governo. Ao visitar o interior do povoado, Ashitaka percebe o trabalho árduo com imensa mão de obra e utilização intensa de máquinas rudimentares para agilizar o fluxo de produção, característico de uma sociedade industrializada. Outro fato importante a ser salientado é que a visita do herói fora feita no período noturno, demonstrando a dificuldade e a penalidade de tal ofício. Essa ideia

torna-se evidente na cena em que uma das ex-prostitutas diz aos homens que jantavam no celeiro: “trabalhamos no ferro enquanto vocês dormem”.



Figura 3- Cena em que as ex-prostitutas discutem com os homens⁷

Dadas as observações sobre o cenário no qual se debruça a narrativa da obra, falaremos agora mais especificamente sobre o sujeito moderno, que assim como seus personagens, retratados nessa animação, em especial os femininos, agem conforme suas próprias vontades.

O Sujeito Moderno

As mudanças que acarretaram a revolução francesa e a industrial descritas na sessão anterior, implicaram também transformações no comportamento do sujeito ocidental. Ben Singer (2004, p.115) nos elucida a respeito do comportamento do sujeito moderno ao afirmar que “como um conceito moral e político, a modernidade sugere o ‘desamparo ideológico’ de um mundo pós-sagrado e pós-feudal no qual todas as normas e valores estão sujeitos ao questionamento.”

Antes as regras eram impostas de forma legitimadas por ordem divina e consequentemente eram menos questionadas. Agora, as ideias e valores dos antigos regimes foram suplantados pela ideologia burguesa, criada por homens, que visavam o acúmulo de capital. Tal ideologia, difundiu-se nas classes média baixa, que por sua vez, deveriam adotar os preceitos da cultura hegemônica para serem consideradas respeitáveis. Desta forma, uma espécie de puritanismo, baseado na repressão dos estímulos sexuais, fora

⁷ Disponível em: <<http://onionandartichoke.tumblr.com/post/114137040455/the-prostitution-theory-of-spirited-away>>. Acesso em jun.2016.

instaurado, como forma de controlar doenças venéreas e concomitantemente contribuir para concentração do foco dos trabalhadores na produção de riquezas. (HOBSBAWM, 2007)

[...] embora evidentemente o hipócrita consciente seja mais facilmente encontrável onde a diferença entre a moralidade oficial e as demandas da natureza humana sejam separadas por uma distância abissal, e esta sociedade o era. (HOBSBAWM, 2007, p.239)

Nesse contexto, podemos compreender que os novos padrões da sociedade se distanciavam das pulsões e necessidades naturais dos seres humanos. Os extremismos morais aceitos eram tão vigorosos que os tabus e as tentações tornavam-se cada vez mais desejados, possibilitando ainda o funcionamento de tais mercados (como a prostituição) mesmo sendo visto como um *métier* imoral.

No filme, Miyazaki retrata a prostituição como um trabalho degradante. As mulheres da aldeia de Tataraba preferiam trabalhar com o ferro que era considerado um trabalho pesado para o gênero, - conforme os pensamentos do protagonista Ashitaka - mas mesmo assim o faziam com um sorriso no rosto. As ex-prostitutas eram eternamente gratas a Lady Eboshi por ter sido a única a aceitá-las desrespeitando leis e antigas maldições que as rejeitavam advindas de uma estrutura social patriarcal.



Figura 4- Cena em que as ex-prostitutas trabalham na máquina à vapor⁸

A aclamada Lady Eboshi, fora construída com características peculiares, podendo ser considerada justa e benevolente - por acolher leprosos e ex-prostitutas, visando apenas o bem estar da comunidade que estava sob sua administração – e simultaneamente como uma oponente cruel e destemida.

⁸ Disponível em: <https://chicgeekspeaks.files.wordpress.com/2014/04/tumblr_menehhi7mk1rmjzvm01_500.gif>. Acesso em jun.2016.

A dimensão das características dessa personagem foram melhor descritas em um poema que o próprio diretor fez:

Um coração de aço que teme ninguém
Uma vontade intensa, simpatia para com os mais vulneráveis, impiedosa
para com os inimigos
De nuca Branca, de braços delgados, ela exala poder
Uma mulher que prossegue sem oscilar ao longo do caminho que traçara
para si mesma
Enquanto atrai reverências de seus subordinados
Contempla longe a distancia
Seus olhos estão olhando para o futuro?
Ou estariam contemplando agora mesmo o inferno que vira no passado?
(Miyazaki, 2008, p.23, tradução nossa)⁹

Lady Eboshi, assim como a maioria das personagens criadas por Miyazaki, não sofre com o crucial maniqueísmo característico das produções artísticas da indústria cultural. Seu ponto de vista confere às personagens um caráter ambíguo, complexa marca do sujeito moderno. A construção dos traços que moldam o caráter são equivalentes a construção do eu.

Dessa forma, é necessário salientar que “[...] A teoria freudiana do sujeito foi parte da revolução cultural burguesa...” (ILLOUZ, 1961, p.16). Essa teoria consistia em dois padrões comportamentais contraditórios: a normalidade e a patologia. À luz dos pensamentos de Eva Illouz (1961) pode-se compreender que a patologia é a problematização da normalidade, seria por exemplo qualquer desvio sexual ou moral, não previsto por um comportamento considerado normal.

Nesse contexto, podemos compreender que o “eu” havia se tornado então uma meta a ser alcançada, requerendo um esforço para conter as pulsões sexuais, vontades, desejos dentre outros. Essa relação é ilustrada no filme por Lady Eboshi, que é retratada sem marido ou família, quase sempre com uma arma na mão, sem temer a nada. Seu destino é reflexo de suas próprias atitudes. Ela constrói seu próprio eu. Um eu que se difere da imagem e comportamento estereotipados do sexo feminino.

Através de tal personagem, Miyazaki questiona sobre o lugar das mulheres, já que raramente são retratadas segurando armas, liderando exércitos e aldeias sem qualquer ajuda

⁹ A heart of steel that fear no one. An intense will, sympathy toward the vulnerable, unsparing toward enemies. The nape of her neck White, her arms slender, she exudes power. A woman who proceeds without wavering along the path she has chosen for herself. While attracting the reverence of her underlings. You gaze far into the distance. Are you eyes looking into the future?. Or are you gazing even now into the hell that you saw in the past?

dos homens. As ex. prostitutas também auxiliam nesse processo de desconstrução do papel feminino, por conseguirem reconstruir suas vidas de maneira digna e com sua própria vontade, sendo aptas a trabalhar sozinhas e externam suas opiniões sem serem rechaçadas apenas por serem mulheres.

Dentre as problemáticas como a prostituição citada acima e questões da destruição ambiental, iniciada no prólogo, as questões de gênero estão sempre presentes nas obras de Miyazaki e veremos na sessão a seguir.



Figura 5- Lady Eboshi e sua arma de fogo¹⁰



Figura 6- Lady Eboshi liderando na batalha¹¹

Mudanças no Comportamento da Mulher Japonesa

Nas primeiras fases de uma cultura predatória da sociedade patriarcal, a divisão social era demarcada pela clara cisão entre sexos. De acordo com Veblen (1965), de um lado havia os homens que eram considerados seres capazes e do outro, as mulheres. Essa separação privilegiava os homens garantindo a eles o direito de consumir certas iguarias, como por exemplo, bebidas intoxicantes e narcóticos.

Segundo a tradição dessas sociedades patriarcais, a mulher é considerada uma propriedade. Assim, “...a mulher sendo propriedade, deve consumir somente o que é necessário ao seu sustento, exceto na medida em que qualquer consumo excedente contribui para o conforto ou a respeitabilidade de seu senhor.” (VEBLEN, 1965, p.36)

No século XIX, a relação entre homem-mulher, unidade básica de uma família ainda

¹⁰ Disponível em: <<https://i.ytimg.com/vi/Ktf5F8kXkco/maxresdefault.jpg>>. Acesso em jun.2016.

¹¹ Disponível em: <<https://plentyofpopcorn.files.wordpress.com/2015/11/princess-mononoke-lady-eboshi.jpg>>. Acesso em jun.2016.

era baseada em uma hierarquia e dependência pessoal. De acordo com Eric Hobsbawm (2007, p 246), “não havia evidentemente nada de novo na estrutura patriarcal baseada na subordinação das mulheres e filhos.”

[...] sua nova função de esposa burguesa (admirar a capacidade do marido burguês e mantê-lo em paz e conforto) conflitasse com as velhas funções de dirigir o lar, mas também porque sua inferioridade em relação ao homem precisava ser demonstrada. (HOBSBAWM 2007, p. 244)

Com o desenvolvimento tecnológico, era evidente que a estrutura familiar burguesa estava em contradição com a própria sociedade. As ruínas opressivas desses laços familiares que implicavam um papel passivo e submisso das mulheres não eram uma preocupação exclusiva do Ocidente. “Esteriotipos femininos sempre colocaram as mulheres em um cenário familiar, salientando a sua ternura e mansidão: eram as qualidades docil e orientada para a família, que vieram a identifica-las como mulheres ‘japonêsas’”(SATO, 2003, p.1, tradução nossa)¹².

No período Meiji (1868 à 1912), como salienta Barbara Sato (2003) “boa esposa e mãe sábia” era o modelo ideal do padrão feminino no Japão. O Código civil vigente nessa época provia apenas proteção limitada para mulheres em todos os sentidos, privilegiando os homens em arenas sociais e doméstica.

O período pós Guerra no Japão propiciou uma mudança radical nesse quadro em relação às restrições imposta às mulheres. Ainda nesse sentido, o contato com a mídia ajudou a moldar o comportamento feminino para a vida em uma sociedade industrializada e ao mesmo tempo aflorou o desenvolvimento psíquico e as vontades materiais.

As condições que prepararam o palco para a garota moderna, a auto-motivada dona de casa de classe média, e a mulher trabalhadora em 1920 foram de fato, germinadas no Japão na década de 1910. Foi nessa época que a famosa "*new woman*" (atarashii onna), uma mulher que transgrediu as fronteiras sociais e questionou sua dependência perante aos homens, começou a representar uma ameaça para questões relacionados a gênero. Contemporaneamente com a sua emergência foi a primeira aproximação ao consumismo. (SATO, 2003, p.13, tradução nossa)¹³

De acordo com Sato (2003), em 1890, toda família japonesa da época assinava pelo menos um jornal. Essa exposição das mulheres à mídia impressa, além de educá-las a como

¹² Feminine stereotypes had always placed women within a family setting, stressing their gentleness and meekness: it was this particularly docile and family-oriented quality that came to identify them as “Japanese” women.

¹³ The conditions that set the stage for the modern girl, the self-motivated middle-class housewife, and the professional working woman in the 1920 had in fact germinated in Japan in the 1910s. It was at this time that the notorious “new woman” (atarashii onna), a woman who transgressed social boundaries and questioned her dependence on men, started to pose a threat to gender relations. Contemporaneous with her coming were the first intimation of consumerism.

sobreviver ao ambiente moderno atendeu simultaneamente às ansiedades e desejos de bens materiais que foram previamente reprimidos.

O diretor Miyazaki baseia-se nesse espírito de mudança e aponta em seu filme apenas mulheres independentes, destemidas, trabalhadoras, que se nivelam aos homens, tratando-os de igual para igual. Dentre elas podemos destacar Lady Eboshi que já fora descrita anteriormente e San, a princesa Mononoke.

Considerações Finais

A fuga do diretor perante os clichês, além de tocar em questões relacionadas à moral, retratando uma minoria constantemente esquecida, - no filme identificada através das prostitutas, leprosos, idosos, mulheres no poder - faz com que a essa obra se destaque em relação às outras produções culturais do mercado, que abusam na técnica, efeitos especiais, esquecendo, na opinião do diretor Miyazaki (1996), que do outro lado possui uma audiência que gostaria de escapar das pontas afiadas da realidade e se sentir leve e purificada.

A respeito disso Hayao (1996, p. 20, tradução nossa)¹⁴ comenta que “Na sociedade moderna, os humanos se tornaram tão escravos das máquinas que elas atualmente controlam as chaves para nosso destino coletivo.” O diretor não considera as tecnologias algo ruim, a questão é como ela é usada e para quais fins, assim como a mensagem transmitida no final da película que é relacionada com as consequências dos atos humanos.

Quando você fala de plantas, ou um sistema ecológico ou floresta, essas coisas ficam fáceis se você decide que pessoas ruins que as destruíram. Mas isso não é o que humanos têm feito. Não são pessoas más que estão destruindo as florestas... pessoas trabalhadoras que têm feito isso. (CAVALLARO, 2006, p.124, tradução nossa)¹⁵

Sua obra é infinitamente mais rica e profunda que esse pequeno recorte que fizemos a respeito de alguns personagens e do cenário. O filme é pleno de metáforas e ambiguidades fazendo-nos refletir sobre as mudanças que a humanidade sofreu, sobre os deveres de cada um e as consequências que os nossos atos podem ter no futuro.

Bibliografia

¹⁴ In modern society, humans have become slaves to machines, so much so that machines currently hold the keys to our collective fate.

¹⁵ When you talk about plants, or an ecological system of forest, things are very easy if you decide that bad people ruined it. But that's not what humans have been doing. It's not bad people who are destroying forests... Hard-working people have been doing it.

CAVALLARO, D. **The animé art of Hayao Miyazaki**. Noth Carolina, US: McFarland & Company, Inc, 2006.

HOBBSAWM, E. **A era das revoluções (1789-1848)**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **A era do capital (1848-1875)**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MASIERO, G. **Empresa Japonesa: Estrutura, principais aspectos e processo decisório**. São Paulo, 1994.

MIYAZAKI, H. **Starting Point**. San Francisco US: VIZ Media 1996, 2009

_____. **Turning Point**. San Francisco US: VIZ Media 2008, 2014

ODELL, C.; LE BLANC, M. **Studio Ghibli: The Films of Hayao Miyazaki and Isao Takahata**. Harpenden, UK: Kamera books, 2009,2015.

SATO, B. **The New Japanese Woman: Modernity, Media, and Woman in interwar Japan**. US: Duke University Press, 2003

SEVCENKO, N. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SINGER, B. in CHARNEY, L; SCHWARTZ, V (orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

VEBLEN, T. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições**. São Paulo: Pioneira, 1965.